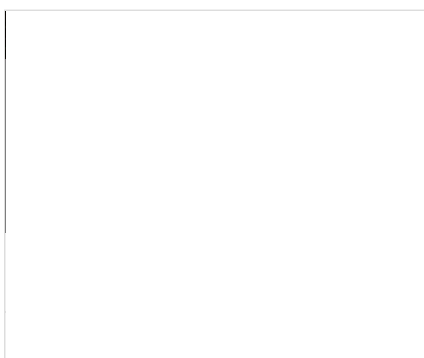


A arte do possível

Rafa entrou e decidiu. Foi o último parágrafo em Alvalade — e quase o único em que o Benfica foi o protagonista. Porque, lido sem ele, o jogo foi exatamente o que Mourinho desenhou: menos posse de bola, bloco baixo e transição vertical por Prestianni, Schjelderup e, no desfecho, pelos frescos do banco. O Benfica entregou a iniciativa ao adversário e c obrou-a aos bocados, à maneira do treinador.

E o pragmatismo funcionou, sem disfarces. Apesar dos 19 remates do Sporting contra os nossos 14, os cinco remates enquadrados das águias ficaram quase colados aos seis leoninos. Cantos, 8-3 para nós. Ocasões flagrantes, quatro contra duas. xG 2,3-1,7, penáltis incluídos. Nem o falhado por Suárez nem o convertido por Schjelderup subvertem a leitura: menos bola, mais perigo. E ainda sobrou banco para decidir — Lukebakio e Pavlidis a partir linhas, Rafa a acertar o ponto final que o jogo pedia. Mourinho chamou-lhe estratégia e tinha razão.

PUB



Feito este elogio, duas verdades. Primeira: com este plantel, aceitar ser segundo violino em Alvalade foi a escolha realista. Talvez a única disponível. E rende frutos imediatos — saltamos para 2.º, com a Champions outra vez ao alcance se houver um mínimo deslize do Sporting. O título, com o Porto a sete pontos, é outra conversa. Segunda: isto não pode ser a nossa identidade. O Benfica que habita a memória do sócio não é um Benfica com 39% de posse de bola. É um Benfica que manda nos jogos grandes. Construir para a próxima época será encontrar um plantel com qualidade para decidir o dérbi com bola, não sem ela. Centrais que saiam a jogar sob pressão, médios que resistam a um PPDA de 4,3 — apenas 4,3 passes permitidos antes de cada acção defensiva adversária, o padrão de um pressing asfixiante — sem ceder o meio-campo, alas capazes de sustentar pressão alta oitenta minutos e não vinte.

E há uma terceira certeza, a mais incómoda. No mercado de treinadores a que o Benfica tem acesso, encontrar quem reúna mais ofício, leitura de jogo e currículo do que José Mourinho é, no mínimo, um exercício de otimismo. O problema não está no banco — está em pôr à disposição um plantel à sua altura, imagem e vontade. Sem isso, continuaremos a ganhar dérbi pela arte do possível, que é o terreno em que Mourinho negocia melhor do que ninguém. Há anos em que isso chega. Outros em que não.